

Turismo e propaganda: os «cruzeiros atlânticos» da organização nazi «Força pela Alegria»¹

Mário Matos
[Universidade do Minho]

I

As relações entre o Estado Novo e o *Terceiro Reich*, sobretudo durante os anos anteriores à II Guerra Mundial, em que se assistiu à solidificação dos respectivos regimes ditatoriais e se verificaram diversas afinidades ao nível ideológico, constituem um capítulo da história das relações luso-alemãs ainda relativamente pouco conhecido de um público geral. Ainda que os estudos culturais e literários de índole germanista e lusitanista se tenham empenhado com bastante minúcia no levantamento e divulgação dos mais diversos fluxos de intercâmbio entre as culturas lusófonas e germânicas,² constatando-se, por razões óbvias, uma maior incidência sobre a produção e recepção literárias, não é, porém, a esses domínios de investigação que se deve o grosso dos trabalhos até ao momento redigidos a respeito dos múltiplos contactos entre a Alemanha nacional-socialista e o Portugal salazarista na década de 30 do século passado.³ Na verdade, este relativo desinteresse dos estudiosos da

¹ O presente artigo baseia-se em várias outras publicações do autor especificamente dedicadas às estratégias da política turístico-propagandista do regime nacional-socialista, cujas referências constam da lista bibliográfica no final do mesmo.

² Veja-se, a título exemplar, a obra em dois volumes coordenada por Maria Manuela Gouveia Delille (2007 e 2010).

³ Entre os estudos historiográficos sobre as relações luso-alemãs nos anos que medeiam entre 1933 e o início da guerra, destacam-se a publicação de António Louçã (1997) dedicada aos *Negócios com os Nazis* e, do mesmo (2005), a compilação de documentos *Portugal visto pelos nazis (1933-1945)*, o volume de Reinhold Schwarz (2006) sobre *Os Alemães em Portugal 1933-1945*, assim como diversos contributos de Luís Reis Torgal (2009), que foram recentemente reunidos nos dois volumes da sua

literatura e cultura por uma época politicamente repressiva e civilizacionalmente regressiva não representa uma surpresa. Se considerarmos tratar-se de um período histórico pouco ou nada propício à produção (inter)cultural baseada numa concepção humanista e cosmopolita, esse «capítulo sombrio» das relações luso-alemãs não se configura, de facto, particularmente atractivo. À excepção do estudo da cultura alemã no exílio durante os tempos do nacional-socialismo, fenómeno que trouxe a Portugal figuras importantes da vida artística, filosófica, cultural e literária da Alemanha e da Áustria – embora, na maior parte dos casos, apenas transitoriamente e sem que tenham deixado significativos registos literários dessa passagem por Lisboa como «sala de espera» para a liberdade transatlântica –,⁴ do ponto de vista de uma área de estudo primordialmente vocacionada para as «belas letras», é natural que as multifacetadas zonas de contacto entre o Estado Novo e a Alemanha nazi não tenham, até há alguns anos atrás,⁵ suscitado o interesse da comunidade dos estudiosos das relações luso-alemãs.

obra, significativamente, intitulada de *Estados Novos. Estado Novo* e em que os capítulos V e VI da Parte I (pp. 249-367) e ainda o capítulo V da Parte II sobre o “Estado Novo, Europa e Atlântico” (pp.499-533) são de particular interesse para as relações luso-alemãs no período em questão. No que diz respeito a estudos que incidem sobre o intercâmbio ao nível de casos pessoais no contexto aqui em análise, vejam-se também António Louçã/Isabelle Paccaud (2007) sobre as “Ligações perigosas de um dirigente judeu com a Alemanha nazi” e o trabalho jornalístico de José Pedro Castanheira (2010) dedicado a “Um cientista português no coração da Alemanha nazi”.

⁴ Sobre a passagem de figuras proeminentes da vida cultural alemã e austríaca por Portugal durante a sua fuga ao nazismo, vejam-se, entre outros, Gersão (1992), Zur Mühlen (1992), Correia (1996) e Pimentel (2006). O caso de Ilse Losa, cuja descendência judaica a levou, ainda muito jovem e antes da chegada do partido nacional-socialista ao poder, a refugiar-se com os seus pais primeiro em Inglaterra e depois, em 1934, no Norte de Portugal, onde acabaria por permanecer até à sua morte em 2006, constitui uma rara excepção entre os refugiados do regime nazi que por aqui passaram.

⁵ Alguns exemplos de um primeiro «despertar» de germanistas para esse nebuloso capítulo da história luso-alemã são representados pelo estudo de Opitz (1990) sobre o «retrato» contemporâneo do Estado Novo num livro do escritor de viagem alemão Friedrich Sieburg, que denota claras simpatias com os regimes do *Neues Portugal* e da Alemanha nacional-socialista, assim como pelas comunicações de Grossegeisse (1996) e de Matos (1996) apresentadas ao *IV Encontro Luso-Alemão*,

Provavelmente impulsionada pela viragem de paradigma que, nos últimos anos, tem vindo a cunhar cada vez mais os estudos literários no sentido de se auto-conceberem como uma subárea dos Estudos Culturais (*cultural turn*), a relativa apatia da investigação literária em relação a uma época tão escassa em «boa cultura» sofreu nos tempos mais recentes uma notória alteração. Conforme ficou sinalizado pela organização quase simultânea, em 2008, de dois colóquios relacionados, entre outros aspectos, com as relações luso-alemãs na era do(s) fascismo(s),⁶ tem-se vindo a assistir, por parte dos investigadores da literatura e cultura, a uma progressiva tomada de consciência de que as relações interculturais e respectivas memórias colectivas não se tecem apenas de momentos e elementos pródigos e “rememoráveis”, mas também de zonas de contacto sombrias e traumáticas que urge enfrentar e discutir de forma desapassionada.

Os tempos das «grandes narrativas» e da escrita linear que, em prol de um «sentido único», não permitem (auto)reflectir a sinuosidade inerente aos processos (inter)culturais já há muito que fazem (ou deveriam fazer) parte da própria História, tal como, de resto, a seguinte conclusão do estudo da autoria de Strasen e Gândara (1944: 464) sobre *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, obra que seria publicado poucos meses antes da derrota final do *Terceiro Reich* numa «guerra total», em que Portugal fora, apesar de oficialmente neutral,

sendo que a primeira analisa a influência alemã sobre a criação da «Mocidade Portuguesa», enquanto a segunda fornece uma primeira abordagem do fenómeno do turismo da «Força pela Alegria» e seu impacto em Portugal, temática essa que resultaria numa tese de mestrado defendida em 1997, ano em que, curiosamente, também Emonts (1997) dedicou um breve artigo à passagem dos cruzeiros dessa organização nazi pela Madeira. Mais recentemente, há a destacar o catálogo bibliográfico editado, sob a coordenação de Maria Manuela Gouveia Delille e Karl Heinz Delille, em 2003, na série *cadernos do cieq*, que oferece à comunidade interessada nas relações luso-alemãs uma ferramenta muito útil sob a forma de uma listagem exaustiva das *Publicações do período nacional-socialista existentes no Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra*.

⁶ A saber, o 8º Encontro Luso-Alemão, na Universidade de Aveiro, em que foram apresentadas várias comunicações relacionadas com a época aqui especificamente abordada, assim como o colóquio interdisciplinar na Universidade do Minho (Braga) que foi exclusivamente dedicado às múltiplas *Zonas de Contacto: Estado Novo/Terceiro Reich* e cujas comunicações se encontram reunidas no presente volume.

um aliado estrategicamente importante das diversas forças beligerantes:

A vida continua. Sejam quais forem as vicissitudes do Porvir, uma coisa se pode afirmar, com o exemplo e o penhor de oito séculos de estima e de cooperação recíprocas, de camaradagem europeia e de identidade de objectivos espirituais: a tradicional amizade luso-alemã viverá sempre, porque corre no sangue dos dois povos!

II

O próprio facto de o projecto supracitado ter sido desenvolvido, sob o patrocínio do Instituto Ibero-Americano de Berlim, por um parceria luso-alemã precisamente no auge do(s) fascismo(s) europeu(s) constitui por si só um claro indicador das multifacetadas tentativas de aproximação entre o Estado Novo e a Alemanha nacional-socialista. Mas a manifesta instrumentalização da «gloriosa» tradição do «lusofilismo» alemão (*ibidem*: 456) e da germanofilia portuguesa que caracteriza o referido estudo – estudo esse que, apesar do mérito de proceder, de forma pioneira, a um minucioso levantamento dos múltiplos contactos ao longo de oito séculos, denota, como se viu, uma nebulosa visão organicista, para não dizer rácica, das relações interculturais, nitidamente enquadrada com a ideologia nacional-socialista – foi apenas um meio, entre outros, a que se recorreu para legitimar e solidificar as «afinidades electivas» entre duas «grandiosas nações», que então se auto-concebiam ambas como «fortalezas de defesas», quer contra a alegada decadência de um Ocidente demoliberal, quer contra a «ameaça comunista» no Leste.

Uma forma mais eficaz do ponto de vista mediático do que a do recurso a um discurso (pseudo) científico retoricamente empenhado na construção de uma histórica «aliança sanguínea» luso-alemã, com vista a incentivar, em tempos de conflito, um forte sentimento de união entre dois países geograficamente tão distantes, foi o turismo sob a alçada da organização nazi *Kraft durch Freude* (KdF). Se considerarmos que essa gigantesca instituição do Estado

nazi possibilitou, entre 1935 e 1939, a um total de cerca de 20 mil cidadãos alemães (e, depois da anexação da Áustria em 1938, também a algumas centenas de austríacos) obterem *in loco* as suas primeiras impressões do longínquo e exótico «país amigo» chamado Portugal, não restarão dúvidas quanto ao seu impacto. O interesse e potencial dessa «familiarização» (aparentemente, apenas) turística para os propósitos do estreitamento das relações luso-alemãs são, ainda que sob a forma da característica demagogia populista nazi, atestados pela seguinte afirmação de Strasen e Gândara (*ibidem*: 462):

Um importante elemento de aproximação luso-alemã foram as viagens dos navios da «Fôrça pela Alegria». Não se pode deixar de falar nele. Milhares de operários – genuínos representantes do povo alemão – tiveram ensejo de conhecer as belezas de Lisboa, da Madeira e de muitos outros pontos de Portugal, de onde levaram indeléveis recordações. Maravilhas de Arte, padrões de História, paisagens admiráveis passaram a ser familiares a numerosos homens e mulheres – simples empregados, operários e camponeses – da Alemanha, a quem foi despertado o desejo de estudar o passado e o presente de um povo que tanto os interessou.

Conforme de seguida me proponho demonstrar, as multifacetadas funções que o regime nacional-socialista atribuiu aos «cruzeiros atlânticos» da «Força pela Alegria» extravasaram largamente o domínio turístico e o alegado despertar de um interesse de índole meramente (inter)cultural. Para averiguar em que medida o gigantesco e dispendioso aparato da KdF terá contribuído, quer para a aproximação luso-alemã e respectivas auto- e hetero-imagens colectivas, quer para a execução das estratégias do regime do *Terceiro Reich* ao nível da política nacional e internacional, farei primeiro uma breve apresentação do contexto político e sociocultural em que se insere essa peculiar variante de um turismo de massas de cariz alegadamente social. Depois dessa contextualização, procederei a uma análise, necessariamente sucinta, das diversas formas de mediatização (literária, jornalística e imagética) das viagens marítimas da «Força pela Alegria» com escalas em Lisboa e na Madeira. Os

principais objectos de observação serão constituídos, por um lado, pelas encenações textuais das «impressões portuguesas» patentes em diversos relatos públicos e secretos dessas viagens e, por outro, pela recepção da mediática presença dos navios e turistas da KdF em alguns artigos da imprensa portuguesa da época.

III

Numa obra de referência sobre o género da literatura de viagens na Alemanha, Peter J. Brenner (1990: 628s) constata:

O *Terceiro Reich* apoderou-se de um modo virtuoso, tal como de muitas outras técnicas e formas de vida modernas, também da viagem turística, transformando-a num meio de estabilização do seu poder que se estendeu até ao domínio dos tempos livres.⁷

De facto, no contexto do processo da *Gleichschaltung*, ou seja, da «sincronização» ou «uniformização» de todas as áreas da sociedade que o regime nacional-socialista encetou logo que chegou ao poder com uma mestria incomparável a qualquer outro regime ditatorial, também o domínio dos lazeres, nomeadamente o turismo, fora submetido ao controlo do Estado. Assim, no dia 2 de Maio de 1933 foram desmanteladas todas as organizações sindicalistas, assim como outras associações dedicadas à ocupação dos tempos livres, sendo substituídas pelo pseudo-sindicato da *Deutsche Arbeitsfront* (DAF) [Frente de Trabalho Alemã] que filiava sob sua alçada *obrigatoriamente* todos os «trabalhadores», conceito este que na ideologia nazi, demagógica e populisticamente dilatado, abrangia tanto o agricultor, passando pelo operário fabril e empregado da área dos serviços como os próprios patrões. Basicamente inspirada no modelo do fascismo italiano, que já na década de 20 criara uma organização de lazeres com o nome *Dopolavoro*, instituiu-se então, como suborganização da «Frente de Trabalho Alemã», a *Nationalsozialistische Gemeinschaft Kraft durch Freude* (KdF), ou seja, a «Comunidade Nacional-Socialista Força pela Alegria», cuja secção de turismo, o *Amt für Reisen, Wandern und*

⁷ Todas as traduções do alemão são da responsabilidade do autor deste artigo.

Urlaub, iria empenhar-se, até ao início da guerra, na organização de dezenas de milhares de excursões a nível nacional e de várias centenas de viagens ao estrangeiro. De acordo com os investigadores das ciências do turismo, este forte empenho na área do turismo terá transformado a *Kraft durch Freude* – embora com outras funções se não apenas esta – no “maior operador turístico da época a nível mundial” (Spode 1991: 82). O projecto megalómano da construção de uma estância balnear na ilha de Rügen no Mar Báltico que albergasse sob a alçada da «Força pela Alegria» 20 mil veraneantes ao mesmo tempo, ainda que devido aos elevadíssimos custos da guerra tivesse ficado por concluir,⁸ representa um reflexo inequívoco da importância que o regime nacional-socialista atribuía ao controlo dos tempos livres, e isto precisamente com o intuito de que esses tempos e espaços privados deixassem de ser «livres».

A par das populares viagens de comboio à Itália, parte significativa das excursões da «Força pela Alegria» ao estrangeiro aconteceram sob a forma de viagens marítimas que o regime propagandeava como «cruzeiros de operários» (*Arbeiterkreuzfahrten*), não obstante o facto comprovado de nem sequer 20% do total dos turistas que usufruíram deste tipo de viagens ter pertencido à classe trabalhadora. Os «navios sem classes» da KdF foram utilizados tanto em cruzeiros no Mar do Norte e no Báltico, nomeadamente nas viagens muito populares pelos fiordes da Noruega, como também em cruzeiros mediterrânicos. Estes últimos incluíam destinos tão variados como a costa meridional e arquipélagos da Espanha, a Itália, a costa dalmata, a Grécia e até o Norte de África, onde faziam escala em Trípolis, capital da Líbia, então colónia italiana. Como facilmente se poderá constatar, exceptuando os países escandinavos – em que por razões de incompatibilidades políticas se prescindiu de excursões em terra – todos estes Estados turisticamente visitados sob a bandeira da «roda solar» (*Sonnenrad*), o símbolo oficial da «Força pela Alegria», faziam parte de um grupo de países que se poderá designar de uma Europa fascizada entre as duas guerras mundiais. A par desses cruzeiros mediterrânicos, as chamadas *Atlantikefahrten* rapidamente se transformariam na mais apetecida e mais prestigiada oferta do

⁸ Veja-se, a este respeito, Rostock/Zadnicek (1992)

programa de luxo das *KdF-Kreuzfahrten*. Com uma duração média de aproximadamente duas semanas, o pacote dessas «viagens atlânticas» incluía escalas de dois a três dias em Lisboa e no Funchal. Enquanto à capital portuguesa e à Madeira se organizaram, entre 1935 e 1939, ao todo cerca de uma dezena de cruzeiros que trouxeram ao território português um total de mais ou menos 20 mil turistas germânicos, os Açores, por razões climáticas pouco favoráveis para saciar a enorme «fome de sol» dos povos setentrionais, estiveram apenas por uma vez, na Primavera de 1935, na rota desses cruzeiros atlânticos.

O impacto real não só desses cruzeiros, verdadeira jóia de coroa e montra internacional da política social do regime nazi, mas também de outras medidas relacionadas com a área do trabalho e dos lazeres, como, por exemplo, o direito legal a férias pagas para todos os trabalhadores e o empenho do regime no sentido de minimizar os custos da viagem turística tornando-a assim mais acessível às camadas sociais menos favorecidas, é inquestionável. Passadas três décadas sobre a «querela dos historiadores» (*Historikerstreit*) na Alemanha, cuja polémica teve a inestimável vantagem de ter causado uma profunda discussão e detalhada revisão das mais diversas facetas do nacional-socialismo, essa vertente modernizante do fascismo – sobretudo na sua versão totalitária alemã – é hoje um aspecto consensual entre os especialistas, ainda que se trate de uma “modernidade simulada” (Mommsen, 1991) ou de um “reactionary modernism” (Herf, 1984), que se caracterizou por uma «dupla face» de sedução e repressão, de fascínio e violência (cf. Reichel, 1993). Na perspectiva mais específica das ciências do turismo, as viagens da *Kraft durch Freude* constituem precisamente um dos referidos factores de modernização, já que representam um ponto de viragem na evolução desse domínio sociocultural, sendo consideradas uma etapa inovadora e decisiva no sentido, não ainda de uma democratização da viagem, conforme o próprio regime nazi alegava, mas de uma popularização e tendencial massificação do acesso ao turismo. (cf. Spode, 1991).

IV

Ora, como é evidente, essas transformações ao nível da organização e do funcionamento das práticas turísticas ocorridas nos

anos de 1930 têm também implicações significativas no que diz respeito à questão da representação da viagem. Uma vez que o objectivo principal da organização «Força pela Alegria» não era, de modo algum, o de “criar uma associação de excursionistas, nem um clube de diversão” para “apenas se ficar a conhecer a Itália ou se ver Portugal”, como salientava Robert Ley, o responsável máximo dessa instituição, num discurso proferido a bordo de um navio da KdF em 1938, mas sim o de, em última instância, “fortificar os nervos dos alemães” para que, quando o *Führer* decidir solucionar a “questão urgentíssima da falta de solo”, os “80 milhões de alemães” possam enfrentar essa tarefa com vigor (*apud* Fromann, 1992: 113), a questão da encenação e divulgação desses «cruzeiros para trabalhadores» por via de todos os meios/média possíveis assumir-se-ia como um factor de importância extrema para o regime. É pois sobejamente conhecida a centralidade que a política nacional-socialista, mormente na pessoa do Ministro de Propaganda Goebbels, atribuía às novas tecnologias, sobretudo porque estava bem ciente da particularidade de os novos meios audiovisuais, como a fotografia, a rádio e o cinema, apelarem, por contraste à palavra escrita, muito mais aos sentidos do que ao sentido, isto é, mais ao sentimento do que à razão, representando, por isso, meios mais propícios à «teatralização» da realidade política, social e cultural. Vejamos, portanto, como é que se procedeu à encenação e mediatização desses eventos turísticos da KdF, nomeadamente das «luxuosas» viagens marítimas supostamente destinadas ao «povo simples», mas das quais, em boa verdade, em média nem sequer um em cada mil alemães pôde usufruir.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o fenómeno da viagem, quer como tema literário e símbolo de emancipação política, quer como prática sociocultural, tinha registado um impressionante incremento. Tanto na sua vertente exótica e subliminarmente imperialista, representada por escritores como Edwin Erich Dwinger ou Hans Grimm na sua obra programática *Volk ohne Raum* (Povo sem Espaço), como também numa vertente vincadamente politizada da literatura de viagens, que nos anos vinte contou com representantes ligados aos movimentos socialista e comunista tão proeminentes como Ernst Toller, Kurt Tucholsky ou Egon Erwin Kisch, assistira-se, sobretudo nos anos da República de Weimar, a um fenómeno que

Siegfried Kracauer (1977: 40s) descrevera, num ensaio originalmente publicado em 1925, como uma nova “paixão espaciotemporal” e um enorme “ímpeto para viajar», que, em conjunto, formariam o que ele apelida de um “culto do movimento”, ou seja, de um verdadeiro frenesim de mobilidade, que atravessaria toda a sociedade. Contrariamente à opinião corrente de que o *Terceiro Reich* significou o fim abrupto dessa evolução, o regime nacional-socialista não só demonstrou saber do enorme valor simbólico e sentimental da viagem, como tomaria uma série de medidas para o funcionalizar a seu favor. Por isso mesmo, fomentou toda e qualquer forma da representação da viagem e encetou todos os esforços para instrumentalizar a generalizada apetência turística no sentido dos seus propósitos ideológicos. Perante esses fins de doutrinação e a consequente estabilização do regime, seguiu-se uma estratégia de mediatização que tentava conciliar a tradição com as inovações no domínio dos novos *massmedia*. Deu-se, assim, por um lado, continuidade ao «velho» relato de viagens, convidando-se escritores enquadrados na *Weltanschauung* nazi a participarem nas viagens marítimas da «Força pela Alegria» para depois as encenarem sob as mais diversas formas literárias. Por outro lado, investiu-se sobejamente em variadíssimos meios e formatos visuais, tais como brochuras, «atlas de bolso» (*Taschenatlas*) com informações diversas sobre o funcionamento e os trajectos da frota da KdF, postais ilustrando os imponentes paquetes, «libretos» com as notas e letras de canções que se deveriam cantar alegremente em grupo durante as viagens terrestres e marítimas, assim como livros de divulgação luxuosamente encadernados e recheados de fotografias dos «cruzeiros para operários», eventos esses que também passariam a ser repetida e insistentemente evocados na imprensa jornalística e nos mais diversos tipos de revistas. Mesmo no cinema, nomeadamente na *Wochenschau*, isto é, uma espécie de «tele-semanário» de então, se passavam filmes pseudo-documentais sobre as viagens atlânticas e mediterrânicas.⁹

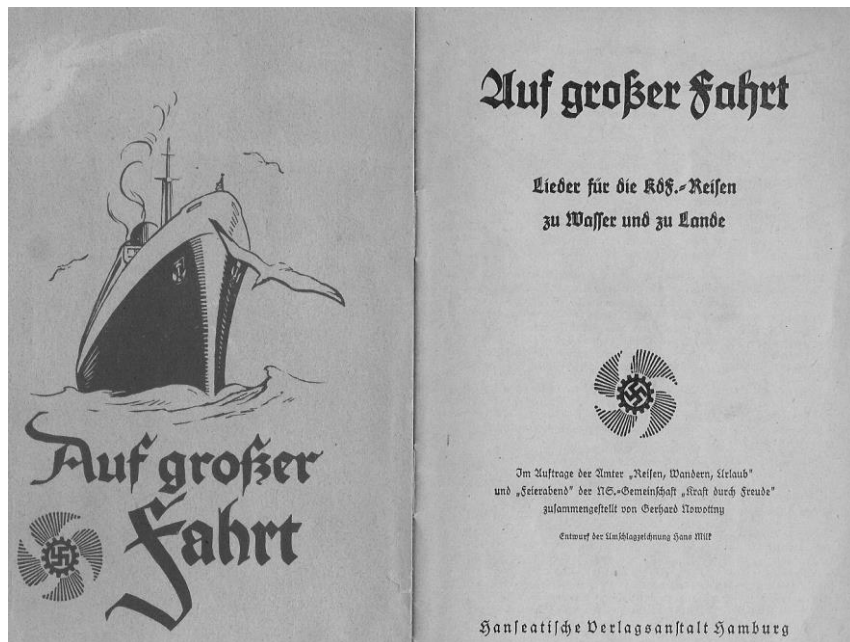
⁹ Durante as minhas investigações, deparei, no *Bundesarchiv* (BA) do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RFA, com dois filmes especificamente dedicados às «viagens atlânticas» com os títulos paradigmáticos «Arbeiter heute» (Trabalhadores de hoje) e «Schiff ohne Klassen» (Navios sem classes), metragens essas que tive

Esta quase omnipresença audiovisual dos exóticos cruzeiros da «Força pela Alegria» era ainda intensificada por uma imensidão de coloridos cartazes a «adornar» o espaço público, cartazes esses que eram afixados em montras do comércio e nos corredores das mais diversas instituições privadas e repartições estatais.



Capa e contracapa do «Atlas de bolso» da «Força pela Alegria»

oportunidade de apresentar ao *IV Encontro Luso-Alemão* (Lisboa, 1995) no formato de uma cópia em vídeo autorizada do BA.



O cancionero da «Força pela Alegria»

Em suma, podemos considerar que em torno do fenómeno do turismo da «Força pela Alegria» emergiram novas formas multimédia da representação da viagem que extravasariam o seu tradicional meio constituído pelo «bom velho livro» de viagens. Para além de terem proporcionado aos poucos privilegiados que de facto nelas participaram de forma activa um contacto físico-real com paisagens e povos estrangeiros, as viagens marítimas da *Kraft durch Freude* representaram, para a esmagadora maioria da população alemã, experiências mediatizadas, por assim dizer, viagens virtuais num espaço semiótico multimedial extremamente denso, antecipando assim, de certa forma, as vivências telemáticas de espaços longínquos que os «canais mágicos» (McLuhan), isto é, a televisão e, posteriormente, o *hypermedium* Internet, viriam a aperfeiçoar. Mais do que à experiência turística propriamente dita, ao contacto com o Outro numa situação de *face to face*, o enorme sucesso e a grande popularidade da secção de turismo da «Força pela Alegria» ter-se-á

portanto primordialmente devido à hábil estratégia de se ter abundantemente preenchido, numa espécie de *visual overload*, o espaço público com as mais variadas alusões e representações visuais desse fenómeno.

V

O efeito dessa omnipresença visual dos cruzeiros da KdF a destinos então percebidos como regiões exóticas, como, por exemplo, Portugal e, sobretudo, a Madeira, seria adicionalmente potenciado por outros factores que transcendem a dimensão meramente medial a que me tenho vindo a referir. O forte impacto que esse fenómeno terá causado junto da opinião pública alemã e estrangeira ter-se-á também devido a motivos de índole tão diversa como a carga simbólica inerente à própria imagem da viagem marítima e do navio como metáforas ancestrais, assim como ao *modus* viático do cruzeiro, a que ainda hoje associamos conceitos como o luxo e o exotismo, nomeadamente, quando envolve passagens por ilhas. Além destes aspectos relacionados com o que se poderá considerar os duradouros e persistentes «imaginários colectivos», há ainda a atender a factores, por assim dizer, mais mundanos e meramente quantitativos, tal como o facto de esses cruzeiros raramente terem sido organizados apenas com recurso a um único navio, mas a toda uma frota composta de três ou mais paquetes com um total de cerca de três mil turistas a bordo. As «viagens para trabalhadores» propagandeadas por todos os meios imagináveis não poderiam ter passado despercebidas nem aos alemães, que se moviam diariamente no espaço medial acima descrito, nem aos povos visitados, neste caso concreto, aos habitantes de Lisboa e do Funchal. Recordemo-nos de que estes cruzeiros se realizaram na década de trinta, portanto numa altura em que Portugal continental não era, nem de perto nem de longe, o país turístico em que se foi transformando a partir de finais dos anos 1960 e cuja população está hoje sobejamente habituada à presença maciça de estrangeiros. Um grupo enorme de três a quatro milhares de excursionistas alemães desembarcando todos no mesmo dia e espalhando-se por Lisboa e arredores em apenas poucas horas teria obrigatoriamente de saltar à vista dos residentes

das regiões visitadas. Os jornais portugueses da época reflectem abundantemente o impacto dessas «invasões» semestrais pelos vários milhares de “vikings da KdF” – sendo esta, aliás, uma autodesignação utilizada pelo escritor Jakob Schaffner (1936: 68) num dos relatos dessas viagens a Portugal com o título emblemático de *Volk zu Schiff* (Povo a Bordo). Neste sentido, não é particularmente surpreendente que as numerosas notícias, quase sempre de primeira página, sobre esses eventos nos mais diversos diários portugueses também não tenham passadas despercebidas a José Saramago durante o seu estudo dos arquivos jornalísticos com vista à reconstrução literária do quotidiano lisboeta em 1935/36, ou seja, o tempo narrado no seu romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, no decorrer do qual o seu protagonista depara com

uma fila de carros eléctricos apinhados de gente loura de cabelo e rosada de pele, são alemães excursionistas, operários da Frente Alemã do Trabalho, quase todos vestidos à moda bávara, de calção, camisa e suspensórios, o chapelinho de aba estreita, pode-se ver facilmente porque alguns dos eléctricos são abertos, gaiolas ambulantes por onde a chuva passa quando quer, [...] que irão dizer da nossa civilização portuguesa estes trabalhadores arianos, filhos de tão apurada raça, que estarão eles pensando agora mesmo dos labregos que param para os ver passar [...]. (Saramago, 1984: 217)

O que os turistas da KdF terão de facto pensado da “civilização portuguesa” e dos “labregos” lusos é, evidentemente, impossível saber; mas qual a impressão e a imagem com que alguns escritores e ideólogos do regime nazi queriam que eles ficassem, disso já é possível aproximarmo-nos através da análise de diversos relatos sobre esses cruzeiros. Inversamente, o estudo dos artigos da imprensa portuguesa de então sobre esses eventos dá-nos também a possibilidade de intuirmos a imagem oficial dos turistas da «Força pela Alegria» que os *opinion makers* do regime salazarista terão desejado inculcar aos portugueses. A respeito desta imagem transmitida pelos

jornais (censurados) do Estado Novo,¹⁰ pode-se afirmar, em termos sucintos, que consistiu *grossa modo* numa visão deveras apologética do fenómeno *Força pela Alegria*, já que – e cito, a título de exemplo representativo de muitas outras referências a esse respeito na imprensa da época, uma breve passagem d’*O Comércio do Porto* do dia 20 de Março de 1935 – “é lisonjeiro para nós registar que Portugal é o primeiro país a receber esta embaixada de paz e trabalho”. N’*O Século* (17.03.1935) elogia-se a exemplar “ordem, disciplina e alegria” dos turistas da «Força pela Alegria», que num artigo publicado no *Diário Português* editado no Rio de Janeiro (23.10.1937) são descritos como “gordas damas, homens altos e fortes, faces duras e tismadas de sol – homens de trabalho e não turistas ociosos e endinheirados (que) animaram a cidade (de Lisboa)”. Para reforçar a simpatia com que a população portuguesa deveria acolher esses turistas alemães, além de se apelar à positiva auto- e hetero-imagem do povo luso tradicionalmente tido por hospitaleiro, na imprensa portuguesa também se recorreu a uma argumentação menos «sentimentalista», por assim dizer, mais racionalista, pragmática e economicista, por via da qual se tentava demonstrar os benefícios materiais e políticos para Portugal proporcionados pelas “amigáveis visitas” da «Força pela Alegria». Assim, num longo artigo publicado no *Diário da Manhã* de 8 de Outubro de 1937, com o título “A *Kraft durch Freude* e a Propaganda de Portugal”, o alto-funcionário do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) António de Menezes, um declarado germanófilo que na década de 30 viajou pela Alemanha, tendo inclusivamente participado num cruzeiro pelos fiordes da Noruega a convite de Robert Ley, escreve o seguinte:

A população de Lisboa já está habituada a estas visitas (da Força pela Alegria) e é com carinho e interesse que as acolhe, curiosa das suas impressões e preferências e encantada com a alegria e a compostura dos milhares de excursionistas. Estes visitam a cidade em densos grupos, movimentam os cafés e as cervejarias. [...] Tratando-se a Alemanha do país que anualmente maior número de turistas nos envia, e que actualmente mais se entrega ao prazer

¹⁰ Para uma abordagem mais detalhada da recepção do fenómeno KdF na imprensa portuguesa, veja-se Matos (1997: 135-143)

das viagens – a KdF é ali o nosso melhor agente de propaganda. [...] Portugal tem no Dr. Roberto Ley [...]– bem como na Secção de Viagens da agremiação operária - um dos melhores e um dos mais dedicados admiradores e dos mais poderosos colaboradores na tarefa de tornar conhecidas as nossas belezas naturais e o carácter do nosso povo. [...] A propaganda turística de Portugal na Alemanha, nos últimos anos, tem sido levada a efeito na quase totalidade pela KdF, pelos seus operários e pelos milhares de turistas alemães que semanalmente nos visitam. [...] O resultado final é, assim, para nós, extremamente lisonjeiro, e faz aumentar a nossa simpatia pelo povo alemão e torna-nos especialmente gratos à KdF.

Hábil propagandista dessa nova «amizade de povo para povo», no mesmo artigo, Menezes empenha-se também em exaltar a auto-estima dos leitores portugueses e descrever-lhes - «verdadeiro» mediador intercultural - algo da «cândida» e «melancólica» psicologia dos alemães:

Quando regressam ao seu país, estes operários da KdF vão cheios do calor do clima do sul, vibrantes do acolhimento simpático da nossa população e impregnados com o bálsamo duma viagem de 15 dias na esfera azul do Atlântico. Durante meses, durante uns anos, Lisboa, a Madeira e Portugal são o assunto predilecto da sua conversa, encanto das noites de visitas íntimas, a curiosidade satisfeita dos amigos à beira de sucessivas canecas de cervejas e do «Abendbrot», querem ouvir contar da luminosidade do nosso sol, da pureza do nosso céu, do exotismo das palmeiras que temos, do calor do nosso sangue e do ímpeto da nossa raça. Sobre as mesas da sala de estar há livros, gravuras, álbuns de postais e de fotografias que lembram a viagem e dela falam, que atestam aos amigos o recente e invejável contacto com a gente e a paisagem do sul. (...) Enfim, poucos são – e disso temos prova testemunhal – os que não levam uma agradável impressão de curiosidade e de inédito, bordada sobre qualquer pormenor que lhes feriu a atenção e a nós passa despercebido, deixando-lhes no cérebro e no coração uma saudade, uma doce recordação que é a nossa melhor propaganda. Sobre esse ponto de vista nenhum povo como o alemão é mais grato e mais facilmente satisfeito, sabendo procurar a nota folclórica, colhendo-a com benevolência e ternura e exaltando-a com entusiasmo.

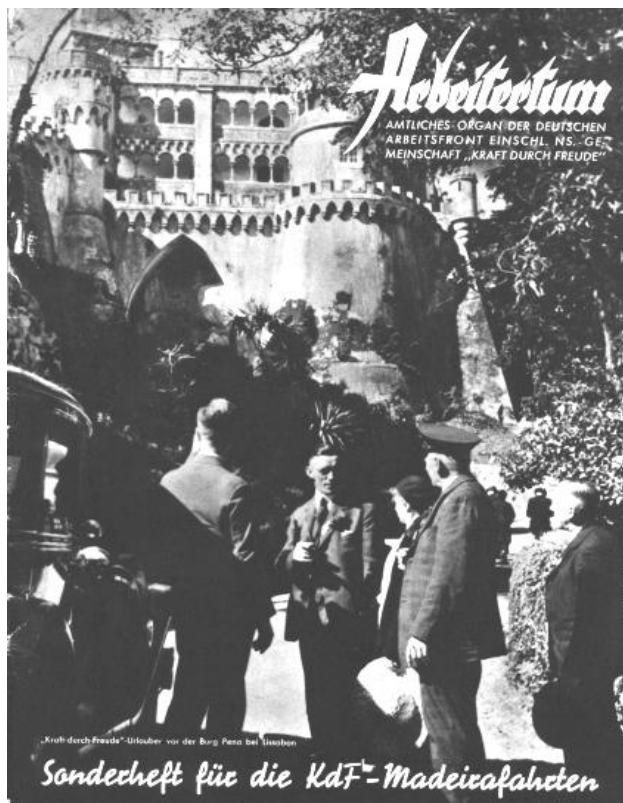


Perante as estratégias de uma escrita deveras apelativa que se podem denotar neste trecho, será mesmo caso para se dizer que este propagandista profissional português aprendeu bem a «lição alemã» do mestre Goebbels. Pois, qual seria o português que, depois de ler esta doce descrição do turista alemão regressado a casa, ainda seria capaz de o receber na próxima paragem em terras lusas sem simpatia e entusiasmo?

VI

Mas passemos agora ao outro lado, isto é, à hetero-imagem dos portugueses que os «escrivães» do regime nacional-socialista se empenharam em projectar nas cabeças dos seus leitores. Desde já, há a constatar que sobre as «viagens atlânticas» e as passagens por Lisboa e pelo Funchal propriamente ditas há um corpus *textual* bastante diversificado.

Além de várias reportagens mais ou menos breves na imprensa alemã, entre as quais se destacam as publicadas no órgão oficial da «Força pela Alegria», a revista quinzenal *Arbeitertum*, destacam-se os relatos de viagens semi-ficcionais de Jakob Schaffner (1936) *Volk zu Schiff* e de Hans Biallas (1936) com o título *Der Sonne entgegen* (Rumo ao Sol), assim como a antologia *KdF-Das große Urlauberschiff* (Força pela Alegria - O Grande Navio de Turistas), editada por Otto Paust (1936), em que ombreiam textos de escritores conhecidos com os de turistas anónimos, alegadamente participantes dos «cruzeiros de operários». Esta diversidade dos géneros beletrísticos é complementada por uma peça de teatro de August Hinrichs (1936) com o título *Petermann fährt nach Madeira* (Petermann viaja até à Madeira), tratando-se de uma “heiteres Bühnenstück” [comédia] de cunho populista que, durante o ano de 1936, foi levada a cena em diversas cidades alemãs. Nesta peça, o sisudo e ensimesmado protagonista Petermann é submetido a um processo catártico, até finalmente se dissolver na «comunidade de bordo» que aqui reflecte o ideal místico nacional-socialista de uma *Volksgemeinschaft* unida pelos laços sanguíneos da raça ariana. Todas estas publicações reportam-se às primeiras «viagens atlânticas» empreendidas em 1935 e 36. Em 1940, portanto já depois do início da guerra e o respectivo término dos «cruzeiros dos operários», edita-se ainda uma repor-tagem de Karl Busch (1940), luxuosamente encadernada e faustosamente ilustrada com fotografias, sobre as viagens ao “magnífico mundo colorido” das “Ilhas da Felicidade”, que são a Madeira e a ilha espanhola de Tenerife, com o longo e arcaizante título – fazendo lembrar os dos relatos de viagens renascentistas – *Nach den “Glücklichen Inseln”. Mit KdF-Flaggschiff “Robert Ley” nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa.*



Número especial da revista *Arbeitertum* dedicado às «viagens madeirenses»
Capa do livro de Hans Biallas (1936): «Rumo ao Sol»

Face à conjuntura da política diplomática de então, ou seja, a de uma aproximação internacional de espécie «pan-fascista», não surpreende que a imagem de Portugal transmitida nesse género da «literatura de viagens KdF» seja, de um modo geral, francamente positiva. Em todos os relatos são salientadas as «afinidades electivas» entre dois Estados que tinham optado pela via das «revoluções nacionais», do antiparlamentarismo, dos partidos únicos, de regimes autoritários com chefes carismáticos, de modo a resistirem aos alegados malefícios das «decadentes democracias» e do temível bolchevismo e assim reatarem os laços dos passados gloriosos do

povo alemão e português. A seguinte passagem do livro de Schaffner (1936: 68s) representa, a este respeito, um exemplo bastante elucidativo:

(Os vikings da Força pela Alegria) encontram a costa portuguesa, de um ponto de vista histórico, num estado de ascensão. Há alguns anos que Portugal é chefiado por um homem, cujo nome se encontra carinhosa e respeitosamente na boca de toda a gente: Oliveira Salazar, o Primeiro Ministro, que conduz o país, de forma lenta mas firme e segura, para fora do pântano da época passada. Para um povo a despertar não há visão mais agradável do que a de um outro povo a despertar! Isto é mais uma razão para a amizade. Estas viagens ainda poderão surtir efeitos muito profundos ao nível de política externa.

Esta imagem explicitamente politizada de Portugal e da amizade luso-alemã é complementada por enfáticas e repetidas evocações do carácter exótico simbolizadas por «emblemas» nitidamente turísticos, tal como o Sol, o céu limpidamente azul, o intenso colorido da fauna e da flora, assim como, evidentemente, o mar e as palmeiras. É esta a visão «paradisíaca» que se oferece logo à chegada a Lisboa. Ainda a bordo do navio, os viajantes deparam com o seguinte cenário em que o apelo do exótico se mistura com o orgulho pátrio simbolizado pelas bandeiras nazis na embaixada alemã (Biallas, 1936: 32):

A partir do alto do navio, que oferece uma boa panorâmica, os turistas (da KdF) têm tempo suficiente para observar o mundo estranho. Entre as gruas e os armazéns na zona portuária existem palmeiras. Por todo o lado crescem pinheiros, ciprestes e jardins florescentes de uma riqueza de cores que somente o Sol meridional consegue criar. Lá no alto sobre a cidade ergue-se o edifício da Legação Alemã, sobre o qual ondulam duas gigantescas bandeiras com a cruz suástica.

É fácil perceber-se que esta descrição «romântica», verdadeiro quadro *kitsch*, é tudo menos ingénuo. Apesar de em todos os relatos desses «cruzeiros atlânticos» não se poupar elogios à «beleza natural» de Portugal, à simpatia e hospitalidade dos portugueses e ao regime estado-novista que, supostamente, combateria a lassidão, a mendigagem e sujidade herdadas da «decadência liberalista» das décadas anteriores, o contacto com o Outro é, sempre que possível, instrumentalizado para enaltecer a «nova» Alemanha nacional-socialista. Enquanto os relatos de viagens destinados à opinião pública se mostram claramente empenhados numa retórica que, em simultâneo, propagandeia a nova amizade luso-alemã e tenta incutir aos alemães um forte sentimento de orgulho patriótico, há, relacionado com estas viagens marítimas da «Força pela Alegria», uma outra espécie de representação do contacto intercultural que já não deixa qualquer dúvida acerca da «imagem verdadeira» que os viajantes convictamente nacional-socialistas projectaram dos portugueses.

VII

Refiro-me aos *Spitzelberichte der Vertrauensmänner für Auslandsreisen*, ou seja, aos relatos de espionagem redigidos pelos chamados «Homens de Confiança para Viagens ao Estrangeiro» que participavam camuflados nos cruzeiros e redigiam uma espécie muito peculiar de «diários de viagem». Nesses relatórios, os agentes da *Gestapo* (*Geheime Staatspolizei*), isto é, da Polícia Secreta do Estado nazi, para além de mostrarem estar muito atentos aos comportamentos dos próprios turistas da *KdF* a bordo e em solo estrangeiro, traçam uma imagem dos portugueses bem menos positiva do que aquela mediatizada para consumo público. É certo que também nos relatos publicados aparecem, aqui e acolá, laivos de um chauvinismo mais ou menos explícito, assim, por exemplo, quando Schaffner (1936: 106s) descreve a Madeira como “um produto puramente natural”, onde “as culturas não se substituíram umas às outras”, e se refere aos seus habitantes como “seres humanos que vivem como os animais ou as flores” fazendo das rochas e das grutas suas casas. Em nítido contraste com “os altos, louros e activos Nibelungos” representados pelos turistas da *KdF*, os madeirenses são ainda caracterizados pelo

mesmo autor como “tranquilos, pequenos e simpáticos ilhéus meridionais” que, ao contrário, do povo germânico, não aspirariam à “liberdade e ao poder”. Outra faceta menos positiva, se bem que maioritariamente referida apenas *en passant*, é a frequente chamada de atenção para o “mosaico de raças” (Paust, 1936: 48) que pouco abonaria a favor da população portuguesa. No entanto, é sobretudo nos relatos secretos dos espíões-viajantes que o complexo de superioridade sociocultural, política e rática se manifesta de forma mais evidente. Como seria de esperar, neste curioso espécime da «literatura de viagens», mais do que se enunciar as belezas turísticas, são sobretudo salientados os «lados sombrios» da sociedade portuguesa, conforme se pode verificar nos seguintes exemplos dessa estranha forma de representação intercultural:

A decadência e a sujidade de Lisboa e da grande massa de seus habitantes é tão impressionante que os nossos turistas regressavam profundamente abalados a bordo. (*Akten*, R 58/950/p. 79)]

As casas e o povo deixam uma impressão profundamente negativa de sujidade e falta de higiene, apesar de as condições de vida na cidade, comparadas às do interior do país, ainda poderem ser consideradas boas. (*Akten*, R 58/950, p. 89)

O que se torna sobremaneira insuportável para um estrangeiro é a mendigagem infantil. Não terá havido um único turista que não tenha sido repetidamente abordado por crianças e adolescentes mendigando cigarros e moedas alemães. (*Akten*, R58/950, p. 335)

Mas não só a miséria social, a mendigagem – sobretudo a infantil – e a sujidade impressionam os «Homens de Confiança» nacional-socialistas durante as suas missões em solo português. Também a questão da raça os incomoda, como se constata na seguinte entrada de um outro relatório:

O que (em Lisboa) salta à vista é a manifesta pobreza e a enorme imundice dos bairros operários. E também a generalidade da

população dá uma imagem negativa do ponto de vista rácico.
(*Akten*, R58/950, p. 335)

É evidente que a estes viajantes ao serviço do regime não interessava tanto fazer propaganda à nova amizade luso-alemã. Seguindo propósitos mais pragmáticos do que os veiculados na literatura de viagens da KdF destinada ao leitor/cidadão comum, estavam pois muito mais empenhados em relatar os dividendos concretos que estes contactos interculturais trariam para a política de enquadramento das massas por parte do regime nazi. Em praticamente todos os relatórios secretos que tive oportunidade de analisar se encontram referências à extrema utilidade dessas viagens ao estrangeiro para os propósitos da estabilização da paz social a nível nacional. Os seguintes excertos são a este respeito deveras representativos:

De um modo geral, no final da excursão, à grande maioria dos turistas não restaram dúvidas de que uma comparação entre os dois países a nível cultural e político, assim como no que diz respeito à limpeza e à atitude do trabalhador, resultava inequivocamente a favor da Alemanha. (*Akten*, R58/950, p. 5)

Os turistas não viram apenas as maravilhosas belezas naturais, como também ficaram com uma imagem das condições de vida e sociais (dos portugueses), que são em parte ainda muito más (...). É sobretudo este último aspecto que consideramos muito valioso, já que os trabalhadores alemães puderam aqui, num país estrangeiro, obter uma noção daquilo que a Alemanha já conseguiu atingir do ponto de vista da política social. No penúltimo dia da viagem, o capitão fez um apelo final aos turistas e no seu discurso chegou à conclusão de que, apesar de todas aquelas magníficas belezas naturais e das muitas novas impressões, não há nada que se possa comparar à Alemanha. (*Akten*, R58/950, p. 155)]

Mas os contactos entre portugueses e alemães proporcionados pelas «viagens atlânticas» não se cingiram apenas àqueles representados na multifacetada literatura sobre as viagens da «Força pela Alegria» e nos relatórios secretos. Tão-pouco aos encontros de rua entre turistas e visitados. Houve-os também a nível institucional. As implicações políticas - e isto ao mais alto nível - destes cruzeiros a terras lusas sob a bandeira suástica são pois evidentes. Em todos os «cruzeiros atlânticos» houve encontros, convites e visitas a nível oficial. O próprio Robert Ley, chefe da «Frente de Trabalho Alemã» e figura de destaque do regime nacional-socialista, durante o primeiro cruzeiro a Portugal, em Março de 1935, foi convidado do Presidente da República Portuguesa Óscar Carmona e de António Ferro no Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). A troca de galhardetes entre ilustres figuras da vida pública portuguesa e alemã por ocasião das festas a bordo dos paquetes da KdF ou de recepções dadas, quer pela embaixada alemã em Lisboa e pelo consulado no Funchal, quer pelo SPN e pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), encontram-se vastamente documentadas na imprensa portuguesa da época, onde eram ainda repetidamente realçados episódios simbólicos da amizade luso-alemã, como, por exemplo, a oferta de um leão-bébé por parte do jardim zoológico de Berlim, transportado para Lisboa num navio da *Kraft durch Freude*, ou, ainda, a atribuição, com pompa e circunstância, de uma medalha de mérito alemã e de um relógio de pulso a um operário portuário português que salvara a vida a um turista da «Força pela Alegria» caído às águas do porto de Lisboa.

É portanto notório que, no plano da política internacional, estas «viagens atlânticas» contribuíram para uma inegável aproximação diplomática luso-alemã, mais que não seja, passageiramente até ao início da guerra, altura em que Salazar, ao optar pela «neutralidade», se (semi-)distanciou do *Terceiro Reich*. Afinal, tratava-se precisamente de dois países que tinham acabado de enveredar por caminhos político-ideológicos (não idênticos, porque de facto não o foram) com notórias semelhanças estruturais que faziam dos portugueses e alemães, segundo as palavras do embaixador alemão em Lisboa, Baron von Hoyningen-Huene, proferidas em 1937 aquando da condecoração do tal operário portuário a que atrás nos referimos, dois

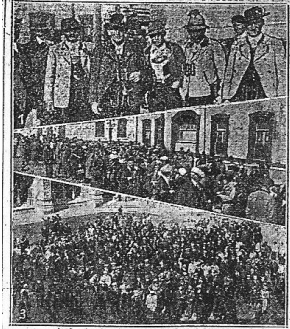
povos “unidos na luta contra a desordem e destruição”, em “defesa do Ocidente”, alegadamente ameaçado pelo comunismo que, logo ali, na vizinha Espanha, andaria a espalhar o terror. (*O Século*, 30 e 31.10.1937)

Já do ponto de vista da política social e cultural do próprio Estado Novo, as viagens da KdF serviram como exemplo e incentivo imediato à criação de organizações doutrinadoras estruturalmente semelhantes às existentes na Alemanha nacional-socialista. Assim, a própria «Força pela Alegria» iria fornecer o modelo para a criação da «Fundação Nacional para Alegria no Trabalho» (FNAT), instituída em Maio de 1935, ou seja, apenas dois meses após o primeiro cruzeiro KdF a Portugal, o que – como já a própria escolha do nome para essa nova organização parece indicar – não aconteceu certamente por acaso, conforme comprova um estudo historiográfico da autoria de José Carlos Valente (1999) em que se explica o contexto do surgimento da FNAT e a sua inspiração directa na congénere organização de lazeres alemã.

Os 2.600 excursionistas alemães pertencentes a organizaçao operaria "A Força pela Alegria" chegaram, ontem, a Lisboa

O dr. Ley, chefe da Frente Alemã do Trabalho, que dirige, superiormente, a excursão, falou nos acêrca da sua patriótica e interessante finalidade

Na cidade e nos arredores notou-se a affluencia dos excursionistas, alguns com os seus pittorescos trajos regionais e, todos, com a sua proverbial curiosidade.



Toda a população carioca de passou-se para as ruas para assistir, aliada, o maior grupo de alemães no distrito de Lisboa...

Dr. Ley, ministro da Economia e do Trabalho, fez uma breve exposição...



Dr. Ley, ministro da Economia e do Trabalho, fez uma breve exposição...



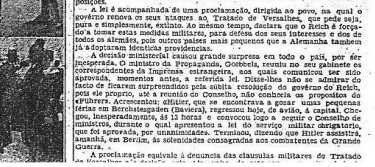
O dr. Ley, ministro da Economia e do Trabalho, fez uma breve exposição...

A Assembleia Nacional aprovou as propostas sobre Conselho Superior do Exército e a representação diplomática na União Sul-Africana

A Assembleia Nacional aprovou as propostas sobre Conselho Superior do Exército e a representação diplomática na União Sul-Africana...

A Alemanha adoptou o serviço militar obrigatorio que o Tratado de Paz proibia

A Alemanha adoptou o serviço militar obrigatorio que o Tratado de Paz proibia...



A Alemanha adoptou o serviço militar obrigatorio que o Tratado de Paz proibia...

Primeira página d'O Seculo (17/03/1935) noticiando a chegada a Lisboa da primeira excursão marítima da «Força pela Alegria»

XIX

Para resumir e concluir, pode-se afirmar que, a par de terem contribuído para uma evidente aproximação entre Portugal e a Alemanha a diversos níveis, os «cruzeiros atlânticos» da «Força pela Alegria», mais do que servirem propósitos interculturais propriamente ditos, estiveram sobretudo ao serviço de objectivos sociopolíticos a nível intracultural, sem, no entanto, deixarem de visar algumas metas no plano da política internacional. Dito por outras palavras, por via do contacto intercultural e da comparação com um país economicamente menos desenvolvido, pretendeu-se incutir aos alemães um orgulho ainda maior da «nova» Alemanha, pacificar as massas trabalhadoras e enquadrá-las no ideário nacional-socialista,

mas, ao mesmo tempo, também atrair potenciais aliados e «sondar» solos estrangeiros para eventuais conquistas no futuro. As viagens turísticas organizadas pela *Kraft durch Freude* e a sua intensa mediatização pelos mais diversos meios de comunicação de massas terão de ser assim perspectivadas como uma parte constitutiva da estratégia geral de uma “mobilização total”, a que Ernst Jünger apelara, já em 1930, e que visava preparar o povo alemão para a «grande conquista de espaço vital» há já muito projectada por Hitler na sua «bíblia» do nacional-socialismo. (Matos, 2005) Estes *cruzeiros*, esta «marcha turística» da nação alemã – que foi, como se viu, apologeticamente recepcionada e apoiada pelo regime português de então – constituiu a primeira etapa de uma terrível *cruzada* que, por fim, conduziu vários milhões de vidas humanas à morte.

Bibliografia

- Akten: Überwachung von Reisen in das Ausland*, Bestand R 58 – Reichssicherheitshauptamt, Bundesarchiv (Potsdam).
- Arbeittertum* (Revista quinzenal da DAF) [diversos números: 1935-1939].
- BIALLAS, Hans (1936), *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*. Berlin, Freiheitsverlag.
- BRENNER, Peter J. (1990), *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*. Tübingen, Niemeyer.
- BUSCH, Karl (1938) (Hrsg.), *Unter dem Sonnenrad. Ein Buch von Kraft durch Freude*. Berlin, Verlag der Deutschen Arbeitsfront.
- BUSCH, Karl (1940) (Hrsg.), *Nach den »Glücklichen Inseln«. Mit KdF-Flaggschiff »Robert Ley« nach der farbenprächtigsten Welt von Madeira und Teneriffa*. Berlin, Verlag der Deutschen Arbeitsfront.
- Comércio do Porto* (20.03.1935)
- CASTANHEIRA, José Pedro (2010), *Um cientista português no coração da Alemanha nazí*. Coimbra, Tenacitas.
- CORREIA, Maria Assunção Pinto (1996), „Im ICE 572 Hannah Arendt. Einige Gedanken über den Stand der Forschung des Exils von 1933“, *RUNA. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, nº 25-26, pp. 457-464.
- Diário da Manhã* (08.10.1937)
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2007) (coord.), *Portugal-Alemanha. Memórias e Imaginários. Primeiro Volume: Da Idade Média ao Século XVIII*. Coimbra: Minerva.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2010) (coord.), *Portugal-Alemanha. Memórias e Imaginários. Segundo Volume: Séculos XIX e XX*. Coimbra: Minerva.
- EMONTS, Martina (1997), „«Força pela Alegria». O Mito da Ilha da Madeira na versão nacional-socialista“, in: Ana Maragarida Falcão *et al.* (org.), *Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito*. Lisboa, Edições Cosmos, pp. 135-146.
- FROMMANN, Bruno (1992), *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen. Arbeiter-Reisen und Kraft durch Freude-Fahrten*. Diss., Historisches Institut der Universität Stuttgart.
- GERSÃO, Teolinda (1992), „A passagem de Alfred Döblin por Lisboa“, *RUNA. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, nº 17-18, pp. 57-64.
- GROSSEGESSE, Orlando (1996), „A lição alemã na Mocidade Portuguesa“, in: Marques *et al.* (coord.), pp. 185-197.
- HEREF, Jeffrey (1984), *Reactionary modernism. Technology, culture and politics in Weimar and the Third Reich*. Cambridge, University Press.
- HINRICHS, August (s.d.), *Petermann fährt nach Madeira*, in: August Hinrichs, *Drei heitere Bühnenstücke*. Leipzig, Edmund Huyke Verlag, S. 120-251.
- JÜNGER, Ernst (1980), „Die Totale Mobilmachung“, in: Ernst Jünger, *Sämtliche Werke. Essays I. Betrachtungen zur Zeit*. Bd. 7. Stuttgart, Klett-Cotta, S. 119-142. [1ª ed.: 1930]
- KRACAUER, Siegfried (1977): „Die Reise und der Tanz“, in: Siegfried Kracauer, *Das Ornament der Masse*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, S. 40-49. [1ª ed.: 1925]

- LOUÇÃ, António (1997), *Negócios com os Nazis. Ouro e outras Pilbagens 1933-1945*. Lisboa, Fim de Século.
- LOUÇÃ, António (2005), *Portugal visto pelos Nazis. Documentos 1933-1945*, Lisboa, Fim de Século.
- LOUÇÃ, António/PACCAUD, Isabelle (2007), *O segredo da Rua d'O Século. Ligações perigosas de um dirigente judeu com a Alemanha nazí (1935-1939)*, Lisboa, Fim de Século.
- MARQUES, A. H. Oliveira et al. (1996), *Portugal – Alemanha – África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão*. Lisboa, Colibri.
- MATOS, Mário (1996), “Turismo nazi em Portugal (1935-1939)“, in: Marques et al. (coord.), pp. 199-214.
- MATOS, Mário (1997), *As viagens marítimas da organização nazí Kraft durch Freude a Portugal (1935-1939): turismo, literatura e propaganda*. Diss. de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- MATOS, Mário (2005), „Tourismus und »Totale Mobilmachung« oder Kraft durch Freude-Auslandsreisen als interkulturelle Inszenierung“, in: Karl-Siegbert Rehberg et al. (Hg.), *Mobilität-Raum-Kultur. Erfahrungswandel vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Dresden, Thelem, pp. 247-263.
- MATOS, Mário (2010), “Os «cruzeiros atlânticos» da organização nacional-socialista *Força pela Alegria* (1935-1939) como encenação político-cultural da amizade luso-alemã”, in: Maria Manuela Gouveia Delille (2010), pp. 255-283.
- MOMMSEN, Hans (1991), „Nationalsozialismus als vorgetäuschte Modernität“, in: Hans Mommsen, *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, pp. 405-427.
- O Comércio do Porto* (20.03.1935)
- OPITZ, Alfred (1990), „Friedrich von Sieburg: Estado Novo e Velho Portugal – um duplo retrato“, in: A. Gama Xavier /António Franco (eds.), *Aspectos da História Luso-Alemã*. Lisboa, pp. 103-110.
- O Século* (edições de: 17.03.1935; 30.10.1937; 31.10.1937)
- PAUST, Otto (1936) (Hrsg.), *KdF – Das große Urlauberschiff*. Berlin, Dresden, Wilhelm Limpert-Verlag.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2006), *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa, Esfera dos Livros.
- Publicações do período nacional-socialista existentes no Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra. Catálogo Bibliográfico* (2003). Coimbra, cadernos do cieq, n° 6.
- ROSTOCK, Jürgen/ZADNICEK, Franz (1992), *Paradiesruinen. Das KdF-Seebad der Zwanzigttausend auf Rügen*. Berlin, C.H. Links.
- REICHEL, Peter (1993), *Der schöne Schein des Dritten Reiches. Faszination und Gewalt des Faschismus*. Frankfurt am Main, Fischer Verlag.
- SARAMAGO, José (1984), *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Caminho. [5ª ed.]
- SCHAFFNER, Jakob (1936): *Volke Zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der „KdF-Hochseeflotte*. Hamburg, Hanseatische Verlagsanstalt.
- SCHÖN, Heinz (1987): *Die KdF-Schiffe und ihr Schicksal*. Stuttgart, Motorbuch Verlag.

- SCHWARZ, Reinhard (2006), *Os Alemães em Portugal 1933-1945. A colónia alemã através das suas instituições*. Porto, Antília Editora.
- SPODE, Hasso (1991), „Die NS-Gemeinschaft »Kraft durch Freude« - ein Volk auf Reisen?“, in Hasso Spode (Hrsg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*. Berlin, Werner Moser Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 79-93.
- STRASEN, E. A./GÂNDARA, Alfredo (1944), *Oito Séculos de História Luso-Alemã*. Berlin, Instituto Ibero-Americano.
- TORGAL, Luís Reis (2009), *Estados Novos. Estado Novo. Ensaios de História Política e Cultural* (2 vols.). Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- VALENTE, José Carlos (1999), *Estado Novo e Alegria no Trabalho. Uma História Política da FNAT (1935-1958)*. Lisboa, Colibri.
- ZUR MÜHLEN, Patrick von (1992), *Fluchtweg Spanien-Portugal. Die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa*. Bonn, Verlag J. H. W. Dietz.